

PREFÁCIO

Após a última crise do capitalismo, deflagrada em 2008, Karl Marx voltou à moda. Contrariando as previsões, que depois da queda do Muro de Berlim haviam decretado seu esquecimento definitivo, nos últimos anos suas ideias tornaram-se novamente objeto de análises, aprofundamentos e debates. Muitos, de fato, voltaram a interrogar esse autor que, com tanta frequência, fora erroneamente identificado ao “socialismo real” e descartado com tanta pressa depois de 1989.

Artigos em jornais e revistas importantes, com vasto público leitor, descreveram Marx como um pensador muito atual e clarividente. Diversos autores progressistas declararam que as ideias dele continuarão a ser indispensáveis, à medida que é necessário repensar uma alternativa ao capitalismo. Quase por toda parte surgiram cursos universitários e conferências internacionais dedicados a seu pensamento. Seus textos, em reimpressões ou novas edições, ressurgiram nas estantes das livrarias, e também a pesquisa sobre sua obra, abandonada por duas longas décadas, foi retomada de maneira significativa.

Para uma reinterpretação abrangente da obra de Marx, é notável a publicação, reiniciada em 1998, da *Marx-Engels-Gesamtausgabe* (MEGA²), edição histórico-crítica das obras completas de Marx e Engels. Até o momento, foram impressos 26 novos volumes (40 já tinham sido publicados entre 1975 e 1989) – e outros se encontram em elaboração. Entre estes, constam: 1) novas versões de algumas

obras de Marx (como *A ideologia alemã*); 2) todos os manuscritos preparatórios de *O Capital*; 3) o conjunto completo das cartas recebidas por Marx e Engels – e não somente daquelas escritas por eles (como ocorria nas edições anteriores); e 4) cerca de duzentos cadernos de notas. Estes últimos contêm os compêndios dos livros lidos por Marx e as reflexões por eles suscitadas. Todo esse material constitui o nascedouro de sua teoria crítica, mostra o complexo itinerário percorrido durante o desenvolvimento de seu pensamento e revela as fontes das quais ele partiu na elaboração de suas concepções.

Do estudo desses preciosos documentos – muitos dos quais disponíveis apenas em alemão e, por isso, destinados, até o momento, a um círculo restrito de acadêmicos –, emerge um autor bastante distinto daquele retratado durante muito tempo por tantos de seus críticos ou pretensos seguidores. Com base nas novas aquisições textuais da MEGA², pode-se afirmar que, entre os clássicos do pensamento político e filosófico, Marx é o autor cujo perfil sofreu mais modificações no decorrer dos últimos anos. E, após a implosão da União Soviética, o cenário político também contribuiu para renovar a percepção a respeito dele. Com o fim do marxismo-leninismo, ele foi libertado, de fato, das correntes de uma ideologia infinitamente distante de sua concepção de sociedade.

Na construção de interpretações relevantes e inovadoras, é preciso considerar também livros publicados recentemente. Eles revelam um autor que foi capaz de examinar as contradições da sociedade capitalista bem além do conflito entre capital e trabalho. De fato, Marx dedicou muita energia ao estudo das sociedades não europeias e ao papel destrutivo do colonialismo nas periferias do sistema. Do mesmo modo, desmentindo as interpretações que assimilaram a concepção marxiana da sociedade comunista ao mero desenvolvimento das forças produtivas, esses livros mostraram a relevância que Marx atribuiu, em sua obra, à questão ecológica. Por fim, outros textos deixaram evidente que o autor se ocupou profundamente de inúmeras temáticas que foram subdimensionadas ou mesmo ignoradas por muitos de seus estudiosos. Entre elas estão o

potencial emancipador da tecnologia, a crítica aos nacionalismos, a busca de formas de propriedade coletiva não controladas pelo Estado e a centralidade da liberdade individual nas esferas econômica e política – todas questões fundamentais nos dias de hoje.

As crises econômicas e políticas de nossa sociedade e os progressos da pesquisa no âmbito dos estudos marxianos permitem prever, portanto, que a renovação da exegese da obra de Marx é um fenômeno destinado a continuar. Uma parte significativa desse interesse se concentrará, muito provavelmente, no derradeiro período de sua elaboração teórica, o assim chamado “último Marx”. Do mesmo modo, o presente estudo, que tem o caráter de uma biografia intelectual, será continuado e completado por outro, exclusivamente teórico.

A análise dos manuscritos dos últimos anos da vida de Marx permite derrubar o mito de que sua curiosidade intelectual estaria saciada e de que ele teria parado de trabalhar. Ao contrário, essa análise demonstra que ele não só deu continuidade a suas pesquisas, como também as estendeu a novas disciplinas.

No biênio 1881-1882, Marx realizou um estudo aprofundado das descobertas mais recentes no campo da antropologia, da propriedade comunal nas sociedades pré-capitalistas e das transformações ocorridas na Rússia após a abolição da servidão e o nascimento do Estado moderno. Além disso, foi atento observador dos principais acontecimentos da política internacional, e suas cartas da época testemunham seu apoio convicto à luta pela libertação da Irlanda e a firme oposição à opressão colonial na Índia, no Egito e na Argélia. O oposto de um autor eurocêntrico, economicista e absorvido exclusivamente pela luta de classes.

As pesquisas dedicadas a novos conflitos políticos, assim como a novos temas e áreas geográficas, consideradas fundamentais para dar continuidade a sua crítica do sistema capitalista, permitiram a Marx amadurecer uma concepção mais aberta às especificidades dos diversos países e considerar possível uma transição para o socialismo diferente da anteriormente prefigurada.

O “último Marx”, enfim, é também o Marx mais íntimo: aquele que não esconde sua fragilidade diante da vida, mas, de qualquer modo, continua a lutar; que não se esquivava da dúvida, mas, ao contrário, a desafia, escolhendo prosseguir na investigação, ainda que sob o risco da incompletude, em vez de se acomodar nas certezas confortáveis do conhecimento adquirido ou de se sentir realizado com os juramentos fideístas dos primeiros “marxistas”.

Trata-se de uma figura completamente diferente da esfinge granítica de Marx colocada no centro das praças pelos regimes do Leste europeu, que indicava o futuro com certeza dogmática. Hoje, ao contrário, vem à tona o Marx de que mais necessitamos: aquele que foi constantemente guiado pelo espírito crítico. Ele representa um raro exemplo de intelectual militante para uma nova geração de pesquisadores e militantes políticos que prosseguem na luta à qual o pensador alemão, como tantos outros antes e depois dele, dedicou toda a sua existência.

NOTA À EDIÇÃO PORTUGUESA

Inicialmente publicado em setembro de 2016 pela Editora Donzelli, em Roma, com o título *L'ultimo Marx, 1881 – 1883. Saggio di biografia intellettuale*, este livro despertou um interesse considerável entre os leitores de Marx, estando agora disponível em Portugal.

A edição original italiana, com uma tiragem inicial de 2000 exemplares e complementada por um audiolivro, esgotou rapidamente, tendo sido reimpressa em janeiro de 2017. Posteriormente, depois de uma nova reimpressão, apareceu sob a forma de *print-on-demand*.

As primeiras traduções do livro surgiram pouco tempo depois. Em 2018, no bicentenário do nascimento de Marx, este livro foi traduzido para várias línguas. Primeiro, para tâmil, pela editora New Century Book House Private Limited, de Chennai; depois, a Boitempo Editorial, de S. Paulo; a que se seguiu a edição coreana, pela Sanzini. Antes do fim de 2018, o livro foi traduzido para o japonês, pela Horinouchi, num volume que continha também uma versão do meu recente *Another Marx: Early Manuscripts to the International* (Londres: Bloomsbury, 2018). A partir de 2019, a obra foi traduzida para duas outras línguas: árabe (editora Al Mayara, no Cairo) e farsi (pela Cheshme, em Teerão).

No início de 2020, novas edições foram concretizadas: uma tradução para espanhol (editora Siglo XXI, Cidade do México); uma para hindi (Samvad, Nova Deli); uma edição na indonésia (Marjin Kiri, Tangerang do Sul), que, à semelhança da japonesa, inclui

Another Marx: Early Manuscripts to the International; uma edição inglesa (editora Stanford University Press, Stanford); e esta edição – *Os Últimos Anos de Marx – Uma Biografia Intelectual*, publicada pela Parsifal, de Lisboa.

Esta versão, aumentada e com algumas alterações relativamente ao original italiano, continua, portanto, uma longa corrente de traduções e reimpressões e precede as edições turca e chinesa (pela Yordam Kitap e People's Publishing House, respectivamente), bem como uma nova edição italiana e uma tradução francesa.

Desta forma, o livro que agora chega a Portugal, tem-se revelado um sucesso internacional, atestado não apenas pelas inúmeras traduções de uma obra cuja primeira edição tem menos de quatro anos, mas também pela importância que o filósofo nascido em Tréveris continua a ter nos nossos dias.

Marcello Musto

PRELÚDIO – “A LUTA!”

Em agosto de 1880, John Swinton (1829-1901), influente jornalista estadunidense de ideias progressistas¹, em visita à Europa, foi a Ramsgate, pequeno balneário de Kent, situado a poucos quilômetros da extremidade sudeste da Inglaterra. A finalidade de sua viagem era uma entrevista, que seria publicada no jornal *The Sun* – por ele dirigido e que, na época, estava entre os mais vendidos na América do Norte –, com um dos principais expoentes do movimento operário internacional: Karl Marx.

Alemão de nascimento, Marx se tornara apátrida após ter sido expulso pelos governos francês, belga e prussiano, que haviam conseguido derrotar os movimentos revolucionários nascidos nesses países entre 1848 e 1849. Em 1874, sua solicitação de naturalização inglesa foi negada, com base num relatório especial do departamento de investigação da Scotland Yard, em que ele era rotulado de “famigerado agitador alemão [...], propugnador de princípios comunistas, [que] não [havia] sido leal nem a seu rei nem a seu país”².

Correspondente do *New-York Tribune* por mais de uma década, em 1867 Marx já publicara uma extensa crítica ao modo de produção capitalista, intitulada *O Capital*, e durante oito anos, a partir de

¹ Ver o capítulo “John Swinton, crusading editor”, em Sender Garlin, *Three american radicals: John Swinton, Charles P. Steinmetz, and William Dean Howells* (Boulder, Westview Press, 1991), p. 1-41.

² “Declaration by Karl Marx on his naturalisation in England”, em MECW, v. 24, p. 564.

1864, exercera a liderança da Associação Internacional dos Trabalhadores. Seu nome já havia aparecido nas páginas dos maiores jornais europeus, quando, em 1871, depois de defender a Comuna de Paris em seu escrito *A guerra civil na França* (1871), a imprensa mais reacionária conferiu-lhe a alcunha de “doutor do terror vermelho”³.

No verão de 1880, Marx encontrava-se em Ramsgate com a família, obrigado pelos médicos “a abster-se de qualquer trabalho”⁴ e a “curar os nervos com o ‘ócio’”⁵. As condições de saúde de sua mulher eram ainda piores que as dele. Jenny von Westphalen (1814-1881) sofria de câncer, e seu quadro havia se “agravado subitamente, a ponto de ameaçar um desfecho fatal”⁶. Foi nesse contexto que Swinton, redator-chefe do jornal *The New York Times* por toda a década de 1860, conheceu Marx pessoalmente e dele compôs um perfil solidário, intenso e acurado.

No plano privado, ele o descreve como um “cavalheiro de cerca de sessenta anos, cabeça maciça, modos magnânimos, cortês, com uma massa hirsuta de cabelos grisalhos, longos e rebeldes”⁷, que conhecia “a arte de ser avô não menos que Victor Hugo”⁸. Acrescenta que o modo de conversar de Marx, “tão livre, cativante, criativo, incisivo, autêntico”, lembrava-lhe “Sócrates [...], pelo tom irônico, pelos lampejos humorísticos e por sua jocosa alegria”⁹. Percebeu também uma pessoa “desprovida do anseio de exibição e sucesso, que não dava importância alguma às fanfarrônicas da vida ou à farsa do poder”.

No entanto, na entrevista impressa na primeira página do jornal *The Sun*, em 6 de setembro de 1880, o que se apresentou aos leitores norte-americanos foi, sobretudo, o Marx público. Na opinião de

³ “Karl Marx to Friedrich Sorge”, 27 de setembro de 1877, em MECW, v. 45, p. 278.

⁴ “Karl Marx to Ferdinand Nieuwenhuis”, 27 de junho de 1880, em MECW, v. 46, p. 16.

⁵ Idem.

⁶ “Karl Marx to Nikolai Danielson”, 12 de setembro de 1880, em MECW, v. 46, p. 30.

⁷ Karl Marx, [“Account of an interview with John Swinton, correspondent of *The Sun*”], 6 de setembro de 1880, em MECW, v. 24, p. 583-4.

⁸ Idem.

⁹ Idem.

Swinton, ele era “um dos homens mais extraordinários de nossa época, que desempenhou um papel inescrutável, porém poderoso, na política revolucionária dos últimos quarenta anos”. Escreveu ainda:

Não tem pressa e não conhece repouso; homem de mente poderosa, larga e elevada, sempre às voltas com projetos ambiciosos, métodos lógicos e objetivos práticos. Foi e ainda é inspirador de muitos dos terremotos que convulsionaram nações e destruíram tronos. Mais do que qualquer outro na Europa, ele hoje ameaça e apavora cabeças coroadas e charlatães oficiais.¹⁰

A conversa com Marx gerou no jornalista de Nova York a convicção de encontrar-se na presença de um homem “profundamente imerso em sua época, e, do Neva ao Sena, dos Urais aos Pireneus, sua mão [estava] empenhada em preparar o advento de uma nova era”. Marx o impressionou por sua capacidade de passar em revista “o mundo europeu, país por país, evidenciando as peculiaridades, os desenvolvimentos e as personalidades, tanto as que agem na superfície quanto as que operam abaixo dela”¹¹. Entreteve-o falando

das forças políticas e dos movimentos populares das diversas nações da Europa: da ampla corrente do espírito russo, dos movimentos intelectuais alemães, do ativismo da França, do imobilismo inglês. Mostrava-se cheio de esperanças quanto à Rússia, filosófico ao falar da Alemanha, alegre em relação à França e sombrio ao tratar da Inglaterra, referindo-se expressamente às “reformas atomísticas” com as quais os liberais do parlamento britânico passam o tempo.¹²

¹⁰ Ibidem, p. 583.

¹¹ Idem.

¹² Idem.

Swinton também ficou surpreso com os conhecimentos de Marx acerca dos Estados Unidos. Julgou-o “um observador atento da atividade americana” e definiu “como altamente sugestivas [...] suas afirmações sobre algumas forças constitutivas e substanciais da vida americana”.

O dia transcorreu numa sucessão de discussões apaixonadas. À tarde, Marx “propôs dar um passeio [...] ao longo do litoral” para se reunirem com sua família, descrita por Swinton como uma “adorável comitiva de aproximadamente uma dezena de pessoas”.

À noite, na companhia de Charles Longuet (1839-1903) e Paul Lafargue (1842-1911), genros de Marx, “falou-se do mundo, do homem, da época e das ideias, enquanto as [...] taças tilintavam num cenário que tinha o mar como fundo”. Foi num desses momentos que o jornalista norte-americano, pensando “nas incertezas e nos tormentos do presente e das épocas passadas”, impressionado pelas palavras que ouvira e “mergulhando na profundidade da linguagem escutada”, decidiu interrogar o grande homem que tinha diante de si sobre “a lei última do ser”. Foi assim que, durante um momento de silêncio, “interromp[eu] o revolucionário e filósofo com esta fatídica pergunta: ‘Qual é [a lei do ser]?’”. Por um instante, teve a sensação de que a mente de Marx “se revolia [...], enquanto escutava o bramido do mar e observava a irrequieta multidão na praia. “Qual é [a lei]?”, perguntara. “Com um tom profundo e solene, [Marx] respondeu: ‘A luta!’”¹³

Num primeiro momento, Swinton acreditou ter escutado, naquela resposta, “o eco do desespero”. Depois, no entanto, concordou que aquela era, de fato, a finalidade da vida, sobre a qual a humanidade, assim como ele mesmo, jamais cessa de se interrogar¹⁴.

¹³ Ibidem, p. 585.

¹⁴ Idem.